



EDUCAÇÃO AMBIENTAL - UNINDO PRÁTICAS E IDEAIS

Berenice Gehlen Adams

RESUMO

Há a necessidade de unir propostas e esforços das práticas de Educação Ambiental, mesmo que divergentes, para o fortalecimento e a consolidação da prática educacional ambiental. As críticas às propostas metodológicas e às bases conceituais das propostas de Educação Ambiental devem incentivar novos olhares, ao invés de imobilizar educadores. A consolidação da prática educativa ambientalista somente será viável se houver união entre os agentes educadores inseridos neste contexto. Apresenta um projeto que sugere a inserção da Educação Ambiental à rotina escolar aliada a metodologias de ensino, e que pretende integrar propostas, grupos e pessoas através da Internet, suprimindo uma lacuna gerada pelo distanciamento das práticas educativas ambientalistas.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Prática Educacional Ambiental; Metodologia; Website.

ABSTRACT

There is a need to unite the many and sometimes divergent proposals and efforts in environmental education so as to strengthen and consolidate its practice. Criticism about methodological proposals and their conceptual bases should invite a second look at them, instead of immobilizing educators. Consolidation of the environmental educational practice will be viable only if there is a uniting among the educators in this context. This work presents a project that suggests the insertion of environmental education in the regular school schedule combined with instructional methodologies. This project also intends to bring together groups and individuals via Internet, thus closing the gap created by separate practices within the environmental educational field.

Keywords: Environmental Education; Practices in Environmental Education; Continuous Education; Methodology; Website.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL - UNINDO PRÁTICAS E IDEAIS

Cada posicionamento próprio em relação à prática da Educação Ambiental/EA é importante. Dentro de cada definição para o conceito de EA, há um significado específico e todos os pontos de vista devem ser aceitos, para que haja união e não divisão na EA, uma vez que aceitar não significa concordar. Tão importante quanto defender seu próprio ponto de vista sobre a EA é aceitar pontos de vista diferentes, mesmo que divergentes, para que haja um crescimento e um amadurecimento das práticas educacionais ambientalistas. Esta união é fundamental para a consolidação da EA e ela pode ocorrer através da compreensão, do amor, da união daqueles/as que acreditam na necessária mudança dos padrões educacionais atuais.

Educação

Considero pertinente uma reflexão acerca do conceito "*Educação*" propriamente dito. Resumindo o que encontrei em alguns pequenos e populares dicionários, "*educação é o resultado do ato de educar, ou, processo que se utiliza para educar. Educar é o ato de estimular, desenvolver e orientar aptidões de acordo com uma determinada sociedade. Normalmente esta ação é exercida pelas gerações adultas sobre as gerações jovens para adapta-las à vida em sociedade. É exercida através de um trabalho sistematizado, gradativo, seletivo e orientador.*" Esta é uma definição bastante simplista para o conceito de educação, porém, é a que circula dentro de nossas escolas e nas demais comunidades sociais. Dentro desta definição restrita de educação podemos perceber que o sistema educacional existe, basicamente, para "**formar**" - como se colocados em fôrmas - cidadãos dentro das leis sociais que regem cada comunidade específica, cujos padrões culturais reforçam o mito antropocêntrico, e priorizam o conhecimento cognitivo das diversas áreas do saber.

O conceito de educação tem como base uma visão antropocêntrica, ou seja, voltada do/a homem/mulher para o/a homem/mulher, a fim de que estes desenvolvam potencialidades para "*saber*" viver em sociedade e perpetuar padrões culturais. As diversas áreas do conhecimento estão centradas no/a homem/mulher. Isto indica que, dentro desta concepção, o ambiente fica à margem dos processos educativos vigentes. Acredito que tenha partido daí a necessidade de complementar e agregar a palavra *Ambiental* ao conceito de *Educação*, numa tentativa de ampliar e redefinir este conceito como um todo.

Educação Ambiental

Segundo Naná Minnini Medina, Consultora de Educação Ambiental/EA, a expressão "**Educação Ambiental**" ("*Environmental Education*") foi utilizada pela primeira vez no ano de 1965, na "*Conferência de Educação*" da Universidade de Keele,

Grã-Bretanha. Passados, aproximadamente 40 anos, ainda é, a EA, uma incógnita no que se refere a consenso quanto à definição e prática.

Para GRÜN (1996: 20), há um contra-senso na relação da educação à EA que nos remete a uma reflexão:

o próprio predicado ambiental é esclarecedor e revela inúmeros problemas e constrangimentos conceituais. Como decorrência desta predicação, uma das primeiras coisas que nos vêm à mente é que se existe uma educação que é ambiental, deve existir também uma educação não-ambiental em relação à qual a educação ambiental poderia fazer referência para alcançar legitimidade. (...) Como poderemos ter uma educação não-ambiental se desde o dia do nosso nascimento até o dia da nossa morte vivemos em um ambiente?

É difícil definir o que vem a ser Educação Ambiental. Tão difícil que existem inúmeras definições distintas, que variam de acordo com os fundamentos filosóficos de cada uma: para os fundamentos holísticos é uma; para os tecnocráticos é outra. Divergentes concepções fazem com que a EA seja fragmentada, dividida, antes mesmo de consolidar-se como prática e acentua-se desmembrada no sistema educacional, também fragmentado. Estas divergências podem ter origem nas diferentes correntes de movimentos ecológicos que vão se sucedendo ao longo da história.

Movimentos ecológicos

O francês FERRY (1993), professor de Filosofia, propõe uma reflexão para além da unanimidade em torno da defesa do ambiente. Todos sabemos que precisamos defender e cuidar do ambiente, mas devemos ir além disto. Segundo ele, a ecologia é um tema cujo conceito tem interpretações diferenciadas em que para uns trata-se de uma visão política e para outros de uma ciência propriamente dita. Em relação à dimensão científica, FERRY aponta que dados objetivos são bem controversos e que as *"opiniões mais autorizadas estão em perfeita contradição"*. Esta incerteza científica eleva a propagação do dogmatismo entre profissionais da ecologia política que se aproveitam para avivar o *"grande medo planetário"*.

Movimentos ecológicos distinguem-se por três características: movimentos reformistas, movimentos intermediários e movimentos revolucionários que se defrontam, cada qual com uma ótica específica, conforme relata FERRY.

Para os que fazem parte do grupo dos reformistas, parte-se da noção de que cuidando e protegendo o ambiente, o Homem poderá salvar a sua espécie. O ambiente em si não tem valor algum e que, se for destruído, comprometerá o bem-estar do homem. Este grupo apresenta um discurso antropocêntrico e *"humanista"* onde o meio ambiente é apenas a periferia que envolve o Homem - que é o centro de tudo.

Já os que fazem parte do grupo dos reformistas se fundamentam no princípio que não se deve somente militar pelos direitos dos homens, mas também dos animais,

seres que são suscetíveis de sentir dor e prazer. A visão antropocêntrica já começa a ser questionada e combatida.

Para o terceiro grupo inclui-se uma preocupação que vai além e reivindica direitos também para plantas e pedras. Esta ecologia, mais radical, não considera o homem como centro do mundo e dá mais valor ao ecossistema, onde a natureza deixa de ser apenas um palco e passa a ter valor estético, moral e jurídico. O sentimento de compaixão em relação aos seres naturais estabelece uma postura crítica da modernidade capitalista, ocidental, tecnocrata, consumista. FERRY aponta, também, que a partir dos anos trinta, a oposição ecológica ao universo liberal se fez por dois caminhos: pela nostalgia e pela esperança. Estes dois caminhos se encontram no desejo de produzir um novo homem, baseado no mito de uma pureza sem concessões e levantam a bandeira do anti-humanismo, propondo como modelo os costumes do reino animal ou o modo de vida das sociedades nativas ou selvagens. Esta rejeição à modernidade revela o paradoxo central da ecologia radical que tem como militantes, democratas, em sua maioria, pouco favoráveis a um retorno ao *"passado perdido"* ou ao *"estado de natureza"* sentido pelo ecologismo radical. Se política, a ecologia não será democrática, se democrática, ela terá de renunciar às tentações da *"grande política"*, destaca este autor.

Da mesma forma que os movimentos ecológicos distinguem-se por características específicas, também a EA enfrenta discordâncias frente aos conceitos e valores tratados pelas diferentes correntes dos educadores ambientalistas. Para compreender a EA ou a falta dela dentro do sistema tradicional, há que se discutir e refletir sobre os valores éticos que circundam o processo civilizatório que nos tornou o que somos hoje.

Valores éticos

Para BERNA (1994), a cada dia que passa torna-se mais urgente uma mudança de hábitos e atitudes antropocêntricas em relação ao ambiente. BERNA (1994:12), aponta que *"no universo não existe uma espécie mais especial ou importante que outras, já que, por mais maravilhosa que seja, não conseguiria sobreviver sozinha"*. É importante destacar este aspecto, tendo em vista que o ser humano se percebe maior ou mais poderoso frente aos outros seres com quem compartilha a vida.

É por falta da consciência de interdependência e integração que o/a homem/mulher atingiu um estágio de distanciamento da essência da própria vida, gerando um universo urbano que o/a escraviza, percebendo isto ou não. Interiorizando a idéia de que todos os seres têm uma importância vital dentro do ecossistema global, o/a homem/mulher perceberia que *"a noção do eu, de individualidade humana, não passa de uma ilusão de nossa mente que pode ser muito útil para nos identificar socialmente, mas que não tem nenhuma importância para a natureza, pois não somos algo fora dela, separados da Criação ou de Deus. Somos parte integrante de tudo isto"* (BERNA, 1994:19).

Temos uma tendência de nos perceber fora do meio ambiente, e que ambiente é aquilo que está ao nosso redor, sem nos darmos conta que ele nos perpassa, que nós somos uma parte dele. Temos uma outra tendência que é a da fragmentação das coisas de um modo geral - paradigma cartesiano. Este posicionamento nos distancia da idéia do nativo norte-americano Cacique Seattle, que BERNA cita: *"a vida é uma enorme teia"*. Cada espécie de vida faz parte do contexto global.

A vida, de uma forma geral, deteriora-se, gradativamente, através das ações humanas. Este comportamento, motivado pela busca de conforto e bem estar, determinado por um pensar humanista e capitalista, compromete a sobrevivência e a qualidade de vida das atuais e futuras gerações de todas as espécies. BERNA (1994:31) destaca que *"nossa visão utilitarista considera o planeta como um armazém de recursos para o 'desenvolvimento', e os povos nativos e indígenas como 'atrasados'. O progresso, para nós, 'civilizados', é basicamente produzir para consumir e criar para produzir"*. Esta visão distorcida dos povos civilizados em relação aos povos nativos, revela o quanto a sociedade civilizada coloca-se em posição superior e com poder, sem perceber que tem nas mãos o pior de todos os poderes, o da auto-destruição.

Infelizmente, todo processo civilizatório acabou resultando em sociedades mecanizadas, como se o único objetivo de se viver fosse o de trabalhar para produzir objetos ou saberes. Os indivíduos passaram a ser uma *"peça de engrenagem"*, que só tem valor se estiver em perfeitas condições para produção. Aquele/a que não se engrena neste louco processo é, simplesmente, descartado/a, excluído/a, marginalizado/a. *"O desafio agora é encontrar uma nova ética para nossa relação com a natureza, da qual não somos mais os usufrutuários, mas partes integrantes"* (BERNA, 1994:58), que possibilite uma efetiva mudança para a melhoria da qualidade de vida de todo o planeta. Este é o maior desafio da humanidade: **reaprender a viver**, não só para que possa perpetuar sua espécie, mas também para ser digno de viver no mais vivo dos planetas.

Dentro deste contexto, encontra-se a humanidade no limiar de uma autotransformação, não só necessária, mas imprescindível, para frear e alterar o seu ritmo de vida avassalador. Muitos são os que têm consciência da necessária mudança de postura e atitudes, tanto pessoais como globais, porém, sentem-se acorrentados aos paradigmas *"impostos"* pela sociedade consumista que se generaliza na humanidade. Por outro lado, há os que se mantêm alienados a todas estas questões, achando-as puramente românticas e ilusórias.

Já nos disse Albert Einstein que *"O ser humano vivencia a si mesmo, seus pensamentos como algo separado do resto do universo - numa espécie de ilusão de ótica de sua consciência. Essa ilusão é uma espécie de prisão que nos restringe a nossos desejos pessoais, conceitos e ao afeto por pessoas mais próximas. Nossa principal tarefa é a de nos livrarmos dessa prisão, ampliando o nosso círculo de compaixão, para que ele abranja todos os seres vivos e toda a natureza em sua beleza. Ninguém conseguirá alcançar completamente esse objetivo, mas lutar pela sua realização já é por si só parte de nossa liberação e o alicerce de nossa segurança interior"* (<http://www.mensagensvirtuais.com.br/eistein.html>). O pensamento de Einstein ilustra o quanto o ser humano tem se distanciado do meio que lhe proporciona a vida. Pelo ponto de vista educacional, este distanciamento ocorre e se alastra, justamente através da **educação**, sendo ela a responsável pelos sujeitos que *"forma"*.

Assim sendo, aos que perguntam de quem é a culpa deste triste quadro (se é que há culpado), eu respondo: a educação, infelizmente. Por quê? Digo isto porque os sistemas educacionais estão acorrentados aos sistemas social, político e econômico de um país, de uma cidade, de uma comunidade. Se o sistema educacional está acorrentado a sistemas capitalista, tecnocrático, economista, como pode propor mudanças de paradigmas que contrariam estes sistemas? Percebe-se que muito há por fazer, diante de tantos dilemas e indagações acerca da **educação** e da consolidação da EA. É uma árdua missão, pois não podemos esperar resultados imediatos, apesar da urgência. Muitos de nós não veremos os frutos das sementes que hoje plantamos, mas sabemos que o importante é semear e cuidar. Só assim será possível crer na mudança.

Agregando propostas e ideais

Parafraseando GANDHI quando diz: "*As religiões são caminhos diferentes convergindo para o mesmo ponto. Que importância faz se seguimos por caminhos diferentes, desde que alcancemos o mesmo objetivo?*", eu diria: As propostas de inserção da Educação Ambiental no contexto educacional trilham por caminhos diferentes, mas convergem para o mesmo ponto. Que importância faz se seguimos por caminhos diferentes, desde que alcancemos o mesmo objetivo?

Quem trabalha com a EA sabe o quanto é difícil desenvolver um trabalho/que ainda carece de um consenso, em meio a tantas contradições e barreiras. Tenho presenciado debates em torno de práticas educativas ambientais. Muitas destas práticas recebem severas críticas, críticas estas que mais colaboram para a estagnação do que para o crescimento e aprimoramento. Enquanto caminhamos na busca das soluções, devemos, mais do que tudo, unir esforços para o surgimento de uma nova consciência de vida e que nela se saliente o maior de todos os sentimentos entre os seres ambientais: o **AMOR**; e o amor só acontece através da união e integração.

Valorizar as iniciativas voltadas para a prática educacional ambientalista é fundamental e isto somente ocorrerá quando houver união entre as propostas que hoje dividem e fragmentam a EA. Há os que defendem a reciclagem por pensarem que reciclando materiais colaboram significativamente para minimizar o impacto ambiental causado pelo lixo, porém, há os que rejeitam a reciclagem por estar implícita nesta prática a continuidade do consumismo. São pontos de vista divergentes, que devem ser aceitos para que haja evolução e aprendizado. Aqueles/as que rejeitam a reciclagem, um dia, certamente, já foram a favor dela. Respeitar o processo epistemológico de cada proposta educacional ambientalista é importante para que possam amadurecer e render seus frutos. Não é de uma hora para outra que o ser humano passará a perceber que, antes de ser um ser humano, ele é um ser ambiental.

Considerações sobre o Projeto Vida - Educação Ambiental e proposta metodológica

Com o objetivo de difundir e ampliar o estudo acerca do assunto EA, foi criado o *website* do **Projeto Vida - Educação Ambiental**. O projeto apresenta uma proposta metodológica para a inserção da EA à rotina escolar da educação básica inicial através do livro *Planejamento Ambiental para Professores da Pré-escola à Terceira Série do Primeiro Grau/nomenclatura vigente na época da edição (1997)*, e através do material disponibilizado no Website, como a *Coleção Crescendo e Aprendendo a Preservar*, destinada a crianças, editada apenas eletronicamente, disponível no *website*. Cabe salientar que a proposta metodológica foi avaliada por órgãos competentes (SMED/NH, SEC/RS, MEC/MMA) e obteve pareceres favoráveis quanto a sua aplicação. Este é um projeto independente, desenvolvido desde 1993 quando iniciada a elaboração do livro. O livro citado deu origem ao **Projeto Vida - Educação Ambiental**. Em 1997, o projeto foi apresentado em encontros nacionais e locais, em cursos relacionados à prática de educação para professores, e exposições itinerantes que levaram sugestões de objetos didáticos confeccionados com sucata a diversas escolas e locais públicos. Hoje, o **Projeto Vida - Educação Ambiental** dedica-se exclusivamente à manutenção

do *Website* (com novidades mensais), uma vez que a Internet aumenta o raio de ação, atingindo aos diretamente interessados pela EA de todo o Brasil, e à elaboração de novos materiais.

Com o propósito de reunir propostas, projetos e atividades ligadas à EA, o **Projeto Vida - Educação Ambiental** iniciou, em maio de 2000, uma Lista de Discussão sobre EA via um único endereço eletrônico/e.mail, com o objetivo de agilizar a troca de informações, experiências e práticas de EA entre seus participantes.

O **Projeto Vida - Educação Ambiental** passou por fases distintas:

- o *Primeira fase* - Elaboração do livro e apresentação da proposta metodológica em cursos, oficinas, eventos educacionais, escolas (1993-1998).
- o *Segunda fase* - Criação do *Website* para maior abrangência e ampliação das propostas do projeto, acrescentando os objetivos: disponibilizar material informativo diversificado relacionado à EA; integrar práticas e projetos ligados à EA, publicados na Internet, através da disponibilização de *hiperlinks* (1999 - 2000).
- o *Terceira fase* - Manutenção e atualização do *Website*, moderação do Grupo de Discussão sobre Educação Ambiental via correio eletrônico, elaboração de CDROM contendo a proposta metodológica do **Projeto Vida - Educação Ambiental**, revisada e atualizada (2001 - 2002).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNA, V. **Ecologia para Ler, Pensar e Agir: Ética e Educação Ambiental para Todas as Idades**. São Paulo: Paulus, 1994.

FERRY, L. I et al I. "*Reflexões para o Futuro; Ecodúvidas*", **Edição Especial da Revista Veja**, 1993, pp.173-175.

GRÜN, M. **Ética e Educação Ambiental: A Conexão Necessária**, Campinas: Papirus, 1996.

ADAMS, B. G. **Planejamento Ambiental para Professores da Pré-Escola à Terceira Série do Primeiro Grau**, Novo Hamburgo: Ottomit, 1997.

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA[\(VOLTAR AO TEXTO\)](#)

Professora com especialização em Alfabetização e Informática Educativa - Linguagem LOGO; Autora do livro Planejamento Ambiental para Professores da Pré-Escola à Terceira Série do Primeiro Grau; Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Feevale/NH-RS; Produtora independente do Projeto Vida - Educação Ambiental, desenvolvido pela internet.

<http://sites.uol.com.br/projetovida>

projetovida@uol.com.br

SUMÁRIO

OLAM - Ciênc. & Tec.

**Rio Claro
ISSN 1519-8693**

Vol 2

nº 1

p. 121 - 131

Abril / 2002

www.olam.com.br